Patrimônio e Leitura

Catálogo Comentado de Literatura Infanto-Juvenil

Patrimônio e Leitura

Catálogo Comentado de Literatura Infanto-Juvenil

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Minístro da Cultura
Gilberto Gil Passos Moreira

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan

Presidente
Luiz Fernando de Almeida

Coordenadora-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência
Lia Motta

Gerente de Pesquisa e Referência
Márcia Chuva

Superintendente da 6ª Regional - Rio de Janeiro
Carlos Fernando de Souza Leão Andrade

Chefe do Escritório Técnico de Parati - RJ
Cynthia Tarrisse

Parceria - Universidade Federal Fluminense - UFF

Coordenadora do Programa de Alfabetização e Leitura da Faculdade de Educação
Cecília Maria Aldigueri Goulart

Coordenadora do Curso de Especialização em Literatura Infanto-Juvenil
Sônia Monnerat Barbosa

Apoio - Associação Casa Azul
Programa educativo Cirandas de Parati

Diretor Presidente
Mauro Munhoz

P314 Patrimônio e leitura : catálogo comentado de literatura infanto-juvenil/ coord. Maria Beatriz Re – zende . _ Rio de Janeiro; Iphan/Copedoc, 2007. 48p. : il. (algumas color); 22cm.

ISBN 978-85-7334-055-6
Índice de autores e ilustradores

1. Patrimônio cultural. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Livros e leitura. I. Rezende, Maria Beatriz. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e Referência.

IPHAN/RJ CDD – 363.69018

Patrimônio e Leitura

Catálogo Comentado de Literatura Infanto-Juvenil

Coordenação Geral
Maria Beatriz Rezende

Copedoc - Iphan
2007

Patrimônio e Leitura

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan

Coordenação-Geral de Pesquisa Documentação e Referência - Copedoc

Coordenação do Projeto
Maria Beatriz Rezende

Seleção de Obras Sugeridas pelo Proale/UFF
Aline Bezerra de Menezes (historiadora)
Bettina Grieco (arquiteta)
Catarina Eleonora F. da Silva (arqueóloga)
Claudia Baeta Leal (mestre em letras)
Juliana Sorgine (historiadora)
Leila Bianchi (historiadora)
Luciano dos Santos Teixeira (historiador)
Maria Beatriz Rezende (arquiteta)
Willians Fausto (jornalista)

Resenhas
Aline Bezerra de Menezes
Claudia Baeta Leal
Luciano dos Santos Teixeira
Maria Beatriz Rezende

Textos Informativos
Luciano dos Santos Teixeira

Universidade Federal Fluminense - UFF

Programa de Alfabetização e Leitura - Faculdade de Educação

Curso de Especialização em Literatura Infanto-Juvenil

Pré-Seleção de Obras da Literatura Infanto-Juvenil
Eleonora Cretton Abílio (Proale/Feuff)
Margareth Mattos (Proale/Feuff)

Orientação dos Técnicos do Iphan, Avaliação e Revisão das resenhas
Cecília Maria Aldigueri Goulart
Eleonora Cretton Abílio (Proale/Feuff)
Margareth Mattos (Proale/Feuff)
Sônia Monnerat Barbosa

Pesquisa Iconográfica
Bettina Grieco

Editoração Eletrônica
Bettina Grieco
Willians Fausto

Arquivo Central do Iphan

Sumário

Apresentação 7

A pedra com o menino 9

Dirceu e Marília 12

Chico Rei 16

O peixe que podia cantar 19

Pindorama: terra das palmeiras 22

O segredo da chuva 24

Uma cidade de carne e osso 26

A bolsa amarela 30

Meus Rios 32

Bisa Bia, bisa Bel 36

Nas ruas do Brás 39

Memórias da Emília 42

Índice de autores e ilustradores 45

Índice de ilustrações 47

Copedoc/ Iphan

Arquivo Central do Iphan

O Catálogo Comentado de Literatura Infanto-Juvenil - Patrimônio e Leitura é um dos resultados do conjunto de iniciativas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), para a criação de linhas de pesquisa que promovam a interdisciplinaridade das áreas de conhecimento afins ao campo do Patrimônio Cultural, com o objetivo de ampliar o alcance e eficácia das ações de preservação. Sua elaboração pela Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e Referência contou com a parceria da 6ª Superintendência Regional do Iphan e de seu Escritório Técnico em Parati, assim como da Universidade Federal Fluminense, através do Programa de Alfabetização e Leitura da Faculdade de Educação, e do Curso de Especialização em Literatura Infanto-Juvenil do Instituto de Letras.

Trata-se de um instrumento de referência de cunho educativo sobre o Patrimônio Cultural que tem como premissa a noção de que o fenômeno da leitura é a base de todo processo de produção e apropriação do conhecimento.

No campo da Educação, a produção literária destinada a jovens e crianças parece possibilitar um tipo de escritura que permite tocar no que é básico e estruturante do conhecimento sobre o mundo, não sendo necessariamente infantil. A formação de leitores é um dos temas mais polarizadores da Educação Básica e do Ensino Fundamental, sendo essa produção objeto de muitos estudos e propostas de ensino para apre-

Arquivo Central do Iphan

Arquivo Central do Iphan

Pintura Wajãpi. Dossiê Iphan 2

Arquivo Central do Iphan

sentação de diversos conteúdos.

Dessa forma, pretende-se ampliar a interlocução entre o Iphan e as instituições de ensino para que seja possível criar mais um caminho de produção da memória, por meio da atividade de leitura, tão próxima às operações que o Iphan tem feito na própria elaboração do que seja o patrimônio cultural e nas ações voltadas para a sua preservação.

Assim, este Catálogo visa ser um instrumento de apoio aos professores da rede formal de educação para instigar o interesse dos alunos pelo tema Patrimônio no seu processo normal de aprendizado. Nesse sentido, mais do que pensar "a didática adequada" ao tema do Patrimônio Cultural, ele propõe encontrar ou pôr à mostra esse tema nas obras literárias que já circulam nos espaços educacionais formadores de leitores. Imaginamos que esse exercício possa ser incorporado pelos professores que queiram tratar do assunto sob o olhar de diversas disciplinas, e que ao colocarmos o foco em temas como memória, identidade, história, modos de fazer e criar, saberes tradicionais etc., no contexto de algumas obras, esse material poderia servir ao próprio Iphan em suas ações educativas, como alternativa à produção de cartilhas didáticas.

Longe de reduzir os sentidos que cada obra encerra, uma vez que a literatura não permite uma, mas infinitas leituras, o Catálogo apresenta nesta primeira edição resenhas que procuram demonstrar a presença de temas como a diversidade cultural brasileira, a memória como construção individual e coletiva, os patrimônios arquitetônicos e artísticos, a oralidade como transmissão do saber, tendo por objetivo legitimar outras formas de ver o Patrimônio, elaboradas fora da esfera técnica institucional.

As resenhas são acompanhadas de breves textos informativos que procuram agregar sentido e oferecer alguns dados sobre o universo dos trabalhos de preservação.

A produção literária é um rico manancial de registros de modos de vida, manifestações culturais, espaços construídos, concepções de mundo através dos tempos.

A idéia deste Catálogo é possibilitar a conversa entre essa produção e o campo do patrimônio, prevendo-se a realização de outras edições que contemplem um universo cada vez mais amplo de obras da literatura infanto-juvenil. E, quem sabe, também não será esse um estímulo para que a produção literária dirigida a jovens e crianças se desaprisione desse destino e possa ser do interesse de todos?

A PEDRA COM O MENINO

Autor: Ronaldo Simões Coelho
Ilustrações: Denise Nascimento
Editora: Paulus
Ano: 2006

A obra trata da apropriação de um legado sob a ótica da "descoberta" que é própria do processo de desenvolvimento das crianças, mas que remete ao processo mais geral da humanidade de lidar com o passado ou, mais especificamente, com a herança que recebemos das gerações passadas.

A descoberta em si pode não dar em nada, porque cabe ao olhar do presente atribuir sentido ao que foi herdado, ou seja, muitas coisas se perdem no esquecimento – em outras palavras, deixam de existir – se não suscitarem nos sujeitos algum sentido. Esta constatação refere-se à capacidade humana de interpretar ou, mais precisamente, de estabelecer o que é real e o que não é.

A história narra a aventura de duas crianças que moram numa cidade do interior, supostamente de Minas Gerais – o texto não se preocupa em identificar o local; as ilustrações e o fato de que a descoberta se refere a um quadro de au-

Passos

Os passos da procissão estão presentes em diversas cidades coloniais brasileiras. Em algumas, são quadros armados nas ruas e portas das igrejas, em outras são capelas. Sua disposição obedece ao trajeto da procissão, permitindo aos fiéis reviverem as etapas da Paixão de Cristo. Esse ritual segue a tradição européia constituída em substituição às peregrinações à Terra Santa – Jerusalém. Na maioria das cidades brasileiras as capelas se mesclam ao casario, sendo exceção o Santuário de Congonhas, que segue o modelo monumental da construção do Sacro Monte, em Varallo, na Itália, iniciada no século XVI e concluída no século XVII, com quarenta capelas, que inspirou outras construções do gênero, inclusive o Santuário de Bom Jesus do Monte, em Braga, Portugal.

Todos os passos de Ouro Preto foram tombados individualmente pelo Iphan e inscritos no Livro de Tombo de Belas Artes, em 8 de setembro de 1939.

Assim como os Passos da Paixão, numerosas outras referências religiosas estão presentes no nosso quotidiano, desde edificações como igrejas e catedrais, até objetos de uso pessoal, como colares, contas, cruzes, além de manifestações culturais como as festas tradicionais, as antigas canções populares, gestos e expressões comuns que revelam um traço marcante da cultura brasileira.

Passos (MG). Arquivo Central do Iphan

Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan

Artistas, artesãos e artífices

No período colonial brasileiro, *oficiais* eram todos aqueles que lidavam com os diferentes ofícios: desde as artes *mecânicas* (trabalhos manuais) até as chamadas artes *liberais* (ou *puras*) – trabalhos intelectuais. Dentre os *oficiais*, havia, por um lado, os *artesãos*,

toria do pintor mineiro mais importante do século XVIII é que identificam a região de Minas Gerais, mais especificamente, a cidade de Ouro Preto, pois em mais de uma ocasião é retratado o pico do Itacolomi.

Os protagonistas são responsáveis por cuidar de um dos Passos da cidade – o que já coloca as crianças na perspectiva de guardiãs desse patrimônio – e, movidas por sua curiosidade, ou seja, pelo modo como lidam com suas heranças, descobrem que por trás de um quadro aparafusado e considerado feio por elas, há uma outra pintura escondida (artifício da narrativa para ilustrar que

técnicos nas artes mecânicas, e os *artífices*, artesãos mais qualificados e reconhecidos; de outro lado, os *artistas puros*, aqueles voltados para as *belas-artes*.

Os artífices, altamente requisitados na região das Minas, no século XVIII, formaram uma classe de profissionais hábeis, responsáveis pelas construções religiosas e civis. Seus trabalhos incluíam da ourivesaria à carpintaria, do artesanato à marcenaria e à escultura. Para a realização das grandes obras – igrejas, por exemplo – os artífices se organizavam em equipes, nas quais um se responsabilizava pela obra. Nomes famosos como Antonio Francisco Lisboa (1730-1814), o *Aleijadinho*, geralmente apenas assinavam os *riscos* das construções, que constituíam verdadeiras obras coletivas. Manoel da Costa Ataíde (1762-1830), o mestre Ataíde – considerado o maior pintor do barroco brasileiro –, também se integrava nesse sistema de trabalho e participou da execução de um extenso conjunto de pinturas decorativas, talhas, douramentos e encarnações de santos.

Igreja de São Francisco de Assis. Arquivo Central do Iphan

o mistério só o é, porque aguarda alguém que o revele – desaparafuse.).

Na história, valoriza-se um dos traços mais característicos das crianças: a curiosidade, o motor para a construção do conhecimento, ainda que ela por si só não dê conta de solucionar o mistério. Assim, é-nos sugerido que, para se avançar ou se criar algo novo, faz-se necessário lançar mão também do conhecimento já produzido e acumulado, representado, no caso, pelos livros e pelo avô das crianças.

Nesse sentido, a narrativa coloca as crianças como protagonistas do seu próprio conhecimento e, ao mesmo tempo, narra a história de dois grandes ícones da produção artística do século XVIII, do ponto de vista de seus processos de criação – Ataíde e Aleijadinho. Na trama, estabelece-se um paralelo entre a descoberta da vocação artística do grande autor Ataíde, ainda menino e inspirado pelo contato com um grande mestre, o Aleijadinho – o que reforça a idéia de que herdar um legado significa que ninguém parte do nada para criar – e a descoberta pelas crianças de hoje da importância do legado a elas deixado e de como é possível qualquer pessoa criar, não sendo este ato prerrogativa apenas de grandes artistas.

A ilustração de Denise Nascimento, muito mais do que acompanhar o texto, complementa a narrativa com imagens de situações, detalhes e gestos que "aumentam" a história, revelando o cotidiano das crianças na sua relação com o espaço da cidade, dos Passos, da biblioteca, com as pessoas do seu convívio, numa atmosfera lúdica e de muito carinho. Além disso, é reproduzida a famosa pintura descoberta pelas crianças, além de outras obras do pintor Ataíde e do Aleijadinho, colocando o leitor em contato com essa produção artística, como uma alternativa à consulta a obras especializadas sobre o assunto.

Trata-se de uma obra voltada para o público infanto-juvenil que sugere a mediação de um adulto e que, por outro lado, possui um nível de informação e de expressão artística capaz de interessar ao leitor de qualquer idade.

Dirceu e Marília

Autor: Nelson Cruz
Ilustrações: Nelson Cruz
Editora: Cosac Naify
Ano: 2007

Esta obra tematiza especificamente o patrimônio cultural, pois a história se passa e tem como cenário – principalmente através das ilustrações – a antiga Vila Rica. Fala também da história do Brasil por intermédio dos personagens históricos de Tomás Antônio Gonzaga e Maria Dorothéia, transfigurados em Marília e Dirceu, e, por fim, faz referência à obra poética de Tomás Antônio Gonzaga, pois a linguagem do texto se faz poética para narrar uma história de amor.

O texto e as ilustrações de Nelson Cruz criam uma história original e repleta de referências à poesia e biografia de Tomás Antônio Gonzaga (poeta árcade, 1744-1810) e à história da cidade de Ouro Preto e do Brasil, focada no episódio da Inconfidência Mineira.

A proposta da obra é, através da ficção, ou seja, da liberdade de criação do autor, aproximar o leitor de personagens e episódios da história factual, fazendo uso da linguagem poética pre-

Ponte dos Contos, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan

Chafariz do Largo de Marília, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan

Chafarizes e pontes

Os chafarizes e pontes possuíram grande importância no desenvolvimento das cidades coloniais. Os primeiros eram os responsáveis pelo abastecimento de água nas regiões e, nos locais onde havia portos, abasteciam também os navios. As pontes permitiam o crescimento da ocupação das vilas e a circulação de moradores e mantimentos. A existência desses equipamentos urbanos denotava o maior ou menor grau de desenvolvimento de uma cidade. Ouro Preto, antiga Vila Rica, concentrava a maior parte da riqueza advinda da exploração do ouro nas minas gerais. Suas pontes, inicialmente feitas em madeira, foram sendo reconstruídas em pedra de cantaria e, para a construção de seus chafarizes, foram chamados os maiores artífices da época, que lhes conferiram o mesmo tratamento artístico dado às igrejas, tal a sua importância. Seis pontes e seis chafarizes de Ouro Preto, a maior parte construída na segunda metade do século XVIII, foram tombados pelo Iphan e inscritos no livro de Belas Artes, em 19 de junho de 1950.

O chafariz de Marília é assim conhecido por situar-se próximo tanto no texto quanto nas imagens.

O projeto gráfico emprega ilustrações que ocupam folha inteira ou folha dupla, em perfeita harmonia com as folhas destinadas ao texto verbal, também ornamentadas com desenhos de carrancas de chafarizes, que reforçam uma das idéias principais do texto sobre o testemunho material de tempos passados.

Mais do que o texto, as ilustrações conferem maior força narrativa à obra. Por um lado, recriam a cidade de Ouro Preto sob uma atmosfera tensa e sombria, o que reforça a carga dramática do texto; e, por outro, impõem um ritmo quase cinematográfico à narrativa, tornando presentes o movimento e a ação dos personagens em todas as cenas. Além disso, a ação simultânea dos dois amantes, que percorrem a cidade buscando, em vão, se encontrar, contribui para a intensidade da história e do tema sobre a impossibilidade de concretização do amor verdadeiro.

O leitor é transportado no tempo e convidado a percorrer (conhecer) Ouro Preto para testemunhar in loco o amor impossível dos dois famosos amantes, Marília e Dirceu, personagens da obra do poeta inconfidente e, na vida real, Maria Dorothéia e Tomás Antônio Gonzaga. Esse “leitor-testemunha” é metaforizado pelas carrancas dos chafarizes, que permeiam todo o livro, emoldurando as páginas de texto, lembrando que esses monumentos são nossa herança, e que o sentido da sua permanência no tempo é o de dar testemunho à nossa história, presentificá-la: as carrancas estavam lá quando tudo se passou, elas

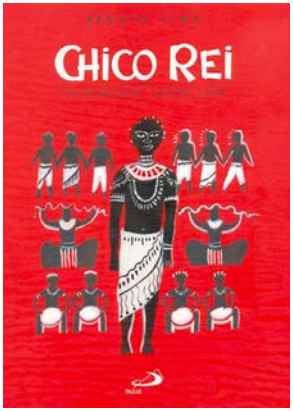
Chafariz do Passo de Antônio Dias, O. Preto (MG). Arquivo Central do Iphan

Ponte do Rosário, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan

mo da casa de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a "Marília de Dirceu". Sua construção foi iniciada em 1759, sob encomenda do Senado da Câmara de Vila Rica, tendo sido escolhida a proposta de Manuel Francisco Lisboa, com a colaboração de Antônio Moreira Duarte e Miguel de Oliveira. Há ornatos em pedra-sabão que são, provavelmente, obras de Aleijadinho. Este é considerado um dos chafarizes mais importantes e bem compostos do Brasil.

podem nos "contar" essa história.

Trata-se de uma obra que acredita no poder da sugestão da literatura como forma de despertar o interesse do leitor sobre conteúdos, no caso, acerca da história do Brasil e da literatura brasileira. Essa opção se traduz no cuidado do autor em incluir, ao final do texto ficcional, textos informativos sobre o poeta Tomás Antônio Gonzaga e sobre o processo de elaboração da obra em si, além de apresentar a bibliografia consultada para sua realização. Assim o texto poético flui livre e os textos informativos encarregam-se de contextualizar seus conteúdos históricos.



Chico Rei

Autor: Renato Lima
Ilustrações: Graça Lima
Editora: Paulus
Ano: 2006

É com uma onomatopéia, prenúncio de um incidente, que se inicia Chico Rei, narrativa envolvendo mistério, aventura e informação. Escrita em primeira pessoa, é o narrador protagonista quem rememora um episódio de sua infância e descortina para o leitor o misto de história e lenda que cerca o personagem Chico Rei – esquecido pela maior parte dos compêndios de História do Brasil.

Narrativa de caráter predominantemente informativo, conduzida por uma proposta ficcional, veicula noções de história da escravidão africana no Brasil e, em particular, em Minas Gerais. Tomando como gancho a tradição lendária da mina de ouro perdida de Chico Rei, o livro, ao apresentar o relato histórico na voz de uma de suas personagens, propõe um enfoque contemporâneo da escravidão negra, mais atenta às resistências e negociações que permitiram aos escravos lutarem

Ouro Preto

O tombamento da cidade de Ouro Preto pelo Iphan em 1938 fez parte da ação pioneira de preservação coletiva de seis cidades mineiras. Além de Ouro Preto, as cidades de Mariana, São João del Rei, Tiradentes, Diamantina e Serro foram tombadas por terem sido palco de importantes acontecimentos históricos marcantes para a formação da nação brasileira – como a Conjuração Mineira – e também por possuírem monumentos, edifícios e igrejas representativas do estilo barroco, considerado emblemático das nossas origens.

Cultura Afro-descendente

Um exemplo da valorização recente da cultura de origem africana é o atual levantamento sobre os terreiros, que está sendo realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), iniciado em dezembro de 2006.

A Bahia possui cinco terreiros de candomblé tombados e reconhecidos como patrimônio histórico nacional. O primeiro, em 1984, foi o da Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador. Seguiram-se Ilê Axé Opô Afonjá, Gantois, Bate-Folha e Alaketo.

Nas últimas décadas, os movimentos negros passaram a lutar pela promoção da cultura de origem africana, reivindicando o mesmo reconhecimento social e político para as suas expressões culturais. Desse modo, além da valorização já existente das construções de origem européia, passou-se também a valorizar outras manifestações culturais, como as festas, os terreiros, os saberes populares (a alimentação, a medicina, os ofícios, etc.), assim como diferentes expressões religiosas e artísticas: o candomblé, a capoeira, o jongo, entre outras.

Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan

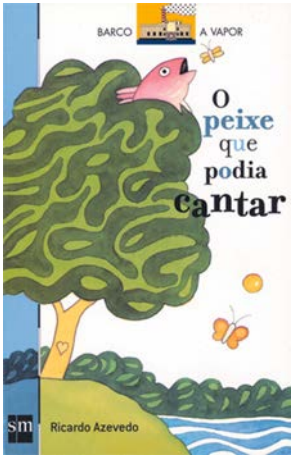
por sua própria liberdade, mostrando-se sujeitos, e não vítimas passivas, de sua história.

Ao se referir à memória da cidade de Vila Rica, atual Ouro Preto, promove o resgate de toda uma época histórica – o chamado “ciclo do ouro” – materializada nessa cidade, hoje monumento nacional, tombada pelo Iphan. Memória antes afetiva que informativa, associada a lembranças de infância e tradições populares.

No início da trama, o narrador protagonista participa de partida de futebol deflagradora dos acontecimentos; em seu final, este mesmo narrador protagonista, agora já adulto, assiste a uma congada. Essas duas expressivas manifestações culturais do país funcionam como elos entre uma memória individual e afetiva e uma memória coletiva; entre presente, passado mais recente e passado mais remoto. E, em meio a tudo isso, é apresentada ao leitor a história/lenda de um personagem símbolo de resistência, liberdade e esperança.

As ilustrações de Graça Lima, em planos e ângulos variados, remetem-nos a grafismos e traços típicos da arte africana, e, em relação de complementaridade com a narrativa, a enriquecem, cumprindo dupla função: a estética e a informativa.

Como texto suplementar, as duas últimas páginas trazem a letra do samba-enredo Chico Rei, de autoria de Geraldo Babão, Djalma Sabiá e Binha, levado à Avenida pelo Salgueiro, em 1964 – talvez um dos únicos registros escritos de uma história que sobrevive sobretudo na oralidade, como ocorre em quase toda história dos excluídos.



O PEIXE QUE PODIA CANTAR

Autor: Ricardo Azevedo
Ilustrações: Ricardo Azevedo
Editora: Edições SM
Ano: 2006

A obra trata do confronto entre culturas diferentes: o homem branco, ícone da civilização ocidental, e os índios, considerados pelos primeiros como um povo primitivo. O comportamento do representante da cultura dominante em relação à cultura sobrevivente (a dos índios) traduz a atitude arrogante daqueles que se consideram num estágio superior de civilização e compreensão do mundo e, portanto, aptos a estudar e interpretar o outro, como se este fosse um objeto de laboratório.

A história narra a visita de um homem branco, retratado como um senhor já de cabelos brancos – paradigma do acúmulo de conhecimento e experiência –, a uma aldeia indígena. Lá, ele tudo escarafuncha com sua lente de aumento, instrumento tecnológico teoricamente capaz de aumentar a percepção da realidade, mas que nesse caso vai se mostrar sem nenhuma serventia.

Patrimônio, identidades e diversidade

O tema da riqueza e da diversidade cultural e simbólica de cada povo – seja tribo, clã, nação ou etnia – é de extrema relevância para a discussão sobre o patrimônio porque promove a reflexã o a respeito dos valores que a nossa sociedade atribui a certos objetos culturais que elegemos como dignos de serem preservados e valorizados.

As preocupações mais contemporâneas, derivadas da antropologia e da história cultural, nas quais o estudo sobre os códigos simbólicos dos diferentes grupos culturais possibilita uma reflexão sobre a multiplicidade de identidades que compõem os povos, obrigam-nos a não estabelecer uma hierarquia de valores entre elas.

A principal contribuição dessas novas abordagens é estabelecer uma visão crítica em relação à nossa história, repleta de "vencedores" e falsos heróis, permitindo uma relação diferenciada com nossa própria tradição e memória nacional. Pensar o patrimônio cultural é também um acerto de contas com nosso passado.

A curiosidade do visitante e sua postura investigativa poderiam gerar conhecimento e respeito diante do "objeto estudado", mas o comportamento do cientista é o de extrair toda a informação possível para proveito próprio (comportamento padrão do dominante em relação ao dominado), no caso, para seu próprio sucesso intelectual e profissional, transformando a "descoberta" em motivo de ascensão, a serviço da vaidade e não da sabedoria.

Por outro lado, o outro, a cultura indígena, é só dádiva, generosidade, inocência em relação ao observador de fora, não porque os índios são uns 'bobocas" – afinal é dito que, como todos os povos, podem tornar-se ferozes e perigosos (aludindo ao fato de que revolta e violência não são prerrogativas dos chamados povos primitivos), mas porque no código de vida deles não há porque precaver-se contra alguém que tem o hábito esquisito de fazer perguntas e observar.

Ao descobrir algo tão inusitado como um peixe que mora numa árvore e canta, o visitante-cientista só pensa em retirá-lo dali e apresentá-lo ao "mundo real", o qual ofereceria todos os recursos tecnológicos para a dissecação completa daquele mistério.

É a metáfora de que a diversidade cultural permite a existência de realidades diferentes – nomeia de modo diverso os seres, estabelece de várias formas a relação entre eles e entre eles e a natureza, ou seja, funda mundos muito diferentes, sendo uma prova contundente de que o real não é absoluto.

Trata-se de uma história que aborda o poder do valor simbólico atribuído às coisas, aos seres, à natureza, capaz de dar sentido à vida e de transformar a realidade. Para aquela tribo há um peixe que mora na árvore e canta trazendo felicidade – logo ele existe.

É uma narrativa que procura demonstrar que a operação humana de dar sentido às coisas não é passível de explicação apenas pelo pensamento racional-científico, maior legado da civilização ocidental. Dessa forma, ao invés de apresentar a sobrevivência das culturas indígenas pelo viés histórico dos massacres e dos movimentos de resistência, o autor fala da eficácia simbólica, revelando o poder que as culturas têm de permanentemente reinventar, ao seu modo, a realidade.

Paralelamente ao texto escrito, a ilustração

Arquivo Central do Iphan

desenvolve uma outra narrativa, que eficazmente dialoga com a primeira. Ora ilustrando passagens do texto, ora elucidando momentos importantes da narrativa, acrescenta elementos imagísticos através de metáforas visuais (como a da árvore repleta de estrelas, simbolizando a cosmogonia daquele povo). Esse texto visual reforça o caráter simbólico da obra e serve como elemento de atração do leitor para o seu universo interno, ao mesmo tempo tão concreto e tão imaginário.

Pindorama: terra das palmeiras

Autora: Marilda Castanha
Ilustrações: Marilda Castanha
Editora: Cosac Naify
Ano: 2007

O livro se propõe a mergulhar no universo indígena brasileiro, pinçando aspectos importantes de sua cultura. Dividido em duas partes, na primeira apresenta uma visão geral da cosmologia associada aos índios do Brasil. Descreve algumas noções-chave, como as de conhecimento x sabedoria, do contato com os espíritos, das pinturas e rituais e outros aspectos da vida cultural dos povos indígenas, como, por exemplo, as formas de alimentação, além da própria origem do termo que dá título à obra.

Essa primeira parte apresenta textos, alguns mais breves do que outros, numa linguagem acessível e próxima da "contação" de histórias, fazendo da cultura indígena o personagem principal. A divisão em capítulos temáticos e a independência dos textos sugerem que a leitura pode ser feita por partes, para o melhor aproveitamento dos conteúdos.

Festa do Javari, 1955. Arquivo Central do Iphan

Patrimônio cultural indígena

Atender às reivindicações por identidade e respeito promovidas pelos indígenas implica um reconhecimento de nossa variada herança cultural, presente em mitos, lendas, costumes, tradições e mesmo em diferentes expressões lingüísticas. Conhecendo outras palavras, noções e rituais, todo um mundo estranho à nossa realidade quotidiana, podemos adquirir uma visão menos preconceituosa e mais respeitosa sobre os distintos universos culturais.

Em 2006 o Iphan proclamou o Registro da Cachoeira de Iauaretê, Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papurí, entregando o Certificado de Patrimônio Cultural do Brasil às comunidades indígenas locais e aos proponentes do Registro da Cachoeira no Livro de Registro dos Lugares. A Cachoeira foi o primeiro bem imaterial a ser inscrito no Livro dos Lugares e o oitavo patrimônio imaterial brasileiro.

Cachoeira de Iauaretê (AM). DPI/ Iphan

Na segunda parte, a autora apresenta momentos significativos da história indígena, ressaltando as perseguições e discriminações sofridas desde o período anterior à chegada dos portugueses no Brasil e, principalmente, fazendo a conexão desses dados com os dias atuais.Traduz a aposta da primeira parte em seduzir os pequenos leitores para o tema e instigá-los a conhecer mais, além de apoiar os possíveis mediadores da leitura com conhecimentos mais aprofundados e de cunho mais científico sobre a história indígena no Brasil.

Nesse percurso, a autora contrapõe ilustrações de sua própria autoria aos temas trazidos pelo texto, utilizando na primeira parte imagens que ocupam folha inteira e que tornam a leitura prazerosa e instigam a imaginação do leitor pela linguagem dos símbolos.

O texto também promove uma viagem pelo vocabulário indígena, permitindo um saboroso encontro com nossa própria língua.

Recuperar a importância dos índios, não mais como vítimas, mas como sujeitos de sua própria história e parte integrante da sociedade brasileira, exige um reconhecimento da imensa diversidade cultural dos diferentes povos que compõem o que chamamos de “índios”. Dotados de identidades próprias, tendo cada vez mais seus valores mesclados aos da sociedade ocidental, na qual se vêem irremediavelmente inseridos, os povos indígenas ainda mantêm suas tradições, seus costumes e saberes próprios.

Nas últimas décadas, tem havido uma preocupação cada vez maior com a preservação das comunidades indígenas, tendo por base um novo olhar lançado sobre nossa história, pelo qual o “índio” não é mais visto como um elemento residual do passado, mas parceiro de nosso presente e esperança de nosso futuro.

A proposta informativa da obra, realizada sem abdicar do compromisso com a arte de narrar, sem subestimar a inteligência dos leitores, mas respeitando seu grau de conhecimento para absorção de novos conhecimentos, estabelece uma parceria com as obras O peixe que podia cantar e O segredo da chuva, também contempladas neste Catálogo, promovendo a rica associação entre textos ficcionais; nesse caso, sobre o universo lingüístico e histórico da vida do índio brasileiro.

O SEGREDO DA CHUVA

Autor: Daniel Munduruku
Ilustrações: Marilda Castanha
Editora: Ática
Ano: 2003

O texto remete à questão mais geral da identidade e do autoconhecimento, numa dimensão mítica, em que se coloca a origem de todas as coisas. Essa visão cosmogônica é apresentada na relação dos homens com o planeta, recolocando o conhecimento primitivo do mundo – no caso, indígena – como formador da cultura. O tempo todo é enfatizada a capacidade humana de interpretação do real – a operação de ler o mundo – colocando o protagonista como sujeito do seu próprio conhecimento.

A obra narra uma aventura, à semelhança dos contos míticos, recheada de passagens metafóricas que se referem à criação do mundo e aos sentidos da existência humana.

Com uma linguagem simples, o texto contrasta a fragilidade dos protagonistas – um menino e seus parceiros da floresta, também filhotes de

Arte Kusiwa. Dossiê Iphan 2

Mitos e religiosidade

Mitos cosmogônicos são respostas que a humanidade oferece sobre questões essenciais para as quais ele ainda não encontrou solução: de onde veio e qual a origem do mundo que habita. Durante muito tempo foram considerados simplesmente como fantasias ingênuas e primitivas. Atualmente, entretanto, compreende-se melhor o papel dessas narrações que fazem parte do acervo das religiões de todo o mundo.

No Brasil, as mitologias geraram poderosas tradições culturais, com um rico imaginário de deuses, lendas e rituais. Mediante o sincretismo religioso, esses mitos foram adaptados e preservados mesmo nos centros urbanos.

As festas da chamada religiosidade popular, como os terreiros de tambor de mina, as festas do Divino Espírito Santo, de tambor de crioula, de bumba-meu-boi, com o banquete para os cachorros, com ladainhas, procissões e outros rituais, oferecidos em pagamento de promessas aos voduns, aos caboclos ou aos encantados, são exemplos do sincretismo religioso que incorpora elementos mitológicos africanos e indígenas à tradição católica. Com a criação do conceito de patrimônio imaterial, todo esse complexo material tem merecido intensas pesquisas, além do reconhecimento do governo brasileiro. Um exemplo recente foi a inclusão da Arte Kusiwa – técnica de pintura e arte gráfica dos índios Wajãpi, do Amapá, no Livro de Registro das Formas de Expressão do Iphan.

onça, macaco e capivara – com a grandiosidade de seus propósitos, identificando as crianças como depositárias de valores muito caros à humanidade: esperança, coragem, astúcia e solidariedade.

A história quer lembrar que a vida na Terra só foi possível e continua sendo (acreditem ou não os mais céticos), porque, bem ou mal, ainda prevalece entre os seres do planeta o movimento de cooperação sobre os movimentos de divisão ou de destruição.

Lua, um menino índio, *escolhe* crescer e constrói seu autoconhecimento na mesma medida em que se aventura a conhecer o mundo, o outro e a fonte da vida, simbolizada pelo Espírito da Chuva. Essa aventura é narrada não a partir de uma perspectiva infantilizada, mas considerando as crianças tão ou mais aptas que os adultos a crescer e a alcançar o conhecimento. A sabedoria, valor buscado nessa aventura pelo desconhecido, nos é apresentada como uma capacidade humana, mas que não significa superioridade ou dominação em relação aos outros seres – ela é tão somente o que torna possível a nossa comunicação com eles (só os homens sábios conseguem *ouvir* a fala dos animais e dos seres da floresta) e isso é o que garante a vida do planeta.

A ilustração de Marilda Castanha, porque muito bem integrada ao projeto gráfico – a partir da capa ilustrada, segue-se a apresentação do título num azul que toma a contracapa e que antecede uma figura de folha dupla em que vemos, de modo estilizado, o pequeno Lua diante do seu mundo – cria uma atmosfera de descoberta: a entrada num novo/antigo mundo de imagens e símbolos. As imagens convidam o leitor para o jogo metafórico, para o exercício da interpretação.

O grafismo e o colorido das ilustrações fazem referência à cultura indígena, com traços que remetem à arte primitiva, em perfeita sintonia com o conteúdo da história, e que ajudam a manter a atmosfera desse mundo de representações, instigando a linguagem da imaginação.

6

Uma cidade de carne e osso

Autora: Maria José Silveira
Ilustrações: Maria Eugênia
Editora: FTD
Ano: 2004

A obra de Maria José da Silveira trata da memória do ponto de vista da oralidade. As narrativas identificadas com as histórias da tradição e com a oralidade não são apenas um legado, mas uma forma de intercambiar experiências. O texto parece querer lembrar que atrofiamos a nossa capacidade de conhecer quando utilizamos apenas a educação formal como fonte de conhecimento. A febre de cursos para tudo, desde como ter um bebê e cozinhar, a saber o que ler e por que ler, são sinais de que todo o conhecimento se adquire fora da tradição oral. Essa tradição oral não é mais legitimada como fonte de conhecimento. A tal ponto isto ocorre que o comportamento dos pais em relação à escola, muitas vezes, é o de delegar a ela toda a educação de seus filhos, como se a eles não coubesse praticamente nenhum ensinamento.

Nesse sentido, esta obra reverencia o significado da memória que é passada de geração em

Esmola cantada. Cachoeira (BA). Copedoc/ Iphan

Narrativa e oralidade

Em uma sociedade ancorada na escrita, a tradição oral invariavelmente termina por ser colocada em segundo plano. No entanto, a oralidade é uma dimensão inelutável da experiência humana, ligada à comunicação e à transmissão do conhecimento.

Antes da escrita, todo o saber era transmitido oralmente. Daí a importância da memória nas sociedades tradicionais, pois a memória humana era o único recurso de que essas culturas orais dispunham para armazenar e transmitir o conhecimento às futuras gerações.

Nessas sociedades, os mais velhos eram considerados os mais sábios, uma vez que tinham acumulado mais conhecimentos, advindos da experiência.

geração através da "contação" de histórias, dos "causos". Essa tradição oral diz respeito à construção de identidades, individuais e coletivas, locais, regionais, nacionais, e que por sua vez têm uma relação profunda com a possibilidade de cidadãos mais plenos, mais ricos e com maior discernimento – com maior poder de crítica – sobre o que desejam ser: a ausência de narrativas orais nos torna ignorantes em muita coisa e especialistas em uma ou duas, sobre as quais pudemos adquirir um conhecimento formal.

Por meio da "contação" de "causos" são apresentados costumes, crenças, visões de mundo, com referências à culinária; aos modos de brincar, de morar, de fazer arte, de se relacionar com a natureza; à cidade, suas ruas, espaços de lazer e de trabalho; ao viver e conviver, com especial atenção ao causo "O nome do rio das almas", no qual fica demonstrado que o amor pelas coisas provém do conhecimento. Apropriar-se dos nossos vários patrimônios, nomeá-los e torná-los reais só é possível se pudermos conhecê-los.

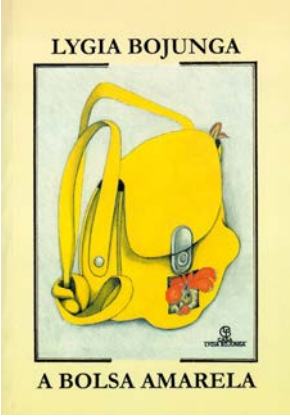
A linguagem do livro reproduz o encantamento dos causos contados oralmente e, embora seja um registro escrito, é possível perceber que as histórias são feitas para serem lidas em voz alta. Nesse sentido, a ilustração de Maria Eugênia com-

Outras formas do saber

A contação de histórias atua como um dispositivo para a aprendizagem de forma lúdica e afetiva, que não é menos importante à vida de adultos e crianças do que outras formas de aprendizagem. Numa sociedade de imensa mecanização como a nossa, a valorização do conhecimento transmitido pela oralidade recompõe o valor das experiências coletivas.

põe o texto, respeitando seu forte apelo à oralidade, ao fornecer uma, em alguns casos, duas únicas imagens mais emblemáticas da história, com um traço leve, quase esquemático, sem detalhes de fisionomias – ou como no "causo" da Tereza Bicuda, sem nenhuma representação gráfica da protagonista, que é largamente descrita pela palavra –, sugestionando o leitor-ouvinte a exercer sua liberdade de imaginar as situações e os personagens – o que é uma das características mais deliciosas da experiência de ouvir histórias.

Viva a voz e as pessoas de carne e osso! Que a ouçamos! – é o convite que esse livro nos faz.



A bolsa amarela

Autora: Lygia Bojunga
Ilustrações: Marie Louise Nery
Editora: Casa Lygia Bojunga
Ano: 2006

O livro trata do recurso criativo da personagem principal para lidar com suas emoções e sentimentos no seu movimento para crescer, para saber quem é e o que deseja ser. Raquel, uma menina de mais ou menos 12 anos, passa por dificuldades de relacionamento com adultos, principalmente os de sua família, que corporificam os conflitos da menina com uma realidade à qual ela não se ajusta e que por isso é recriada por ela a partir de seus próprios pontos de vista.

A narrativa em primeira pessoa parte do momento em que Raquel conclui que precisa achar um lugar para guardar as suas vontades. Quando ganha uma bolsa amarela usada de uma tia, acredita poder guardá-las dentro dela, preservando, nesse movimento, a si mesma. A bolsa passa então a ser povoada com muitos outros objetos que vão ganhando vida e se tornando personagens da história.

Francisco Moreira da Costa, 2004. Alto Moura, Caruaru (PE). CNFCP/ Iphan

As coleções estão na base da preservação

O simples ato de colecionar, de juntar e conservar objetos tem um alcance muito maior do que possa parecer à primeira vista. Ao lado da linguagem, a coleção cumpre o papel de representar o mundo que está além do olhar, aquilo que não está presente. Surgindo simultaneamente à emergência da cultura, a coleção funciona como um elo entre dois mundos: o visível e o invisível, o sagrado e o profano, o passado e o presente, os vivos e os mortos. Segundo K. Pomian, "[...] as coleções reúnem objetos, dotados de significados, que são intermediários entre os que olham e o mundo do qual são representantes".

O invisível comunicado pelos objetos pode se referir às mais diversas entidades: antepassados, deuses, mortos, homens, acontecimentos, circunstâncias, eternidade.

As coleções estão na base dos museus e, de uma forma geral, são elementos fundamentais para se pensar o patrimônio, ou seja, tudo aquilo que o ser humano determina ser digno de preservar. Um olhar atento às coleções mantidas por uma sociedade é capaz de revelar muito dos valores e ideais que a perpassam.

A preservação de si mesma refere-se à construção da identidade individual, só possível na relação com o outro. Para descrever esse complicado processo, a narrativa parte da capacidade humana de atribuir sentido às coisas como único modo de estarmos ou de *pertencermos* ao mundo. Ou seja, *a realidade* depende do que escolhemos que ela seja. Para isso, a autora lança mão de uma das atitudes mais características do universo infantil que faz a brincadeira determinar o brinquedo e não o contrário: não importa com que fim os brinquedos/objetos/coisas foram criados, mas, para que permaneçam entre nós, importa muito mais o sentido que atribuímos a eles.

Assim, para descobrir quem é, a menina projeta a si mesma na bolsa amarela e *coleciona* nela as coisas que lhe são mais caras, porque cada um dos itens da bolsa representa uma parte de si própria. Raquel confere não só vida a seres inanimados: também humaniza animais; mas, sobretudo, concede que eles sejam senhores de sua própria história de vida.

No momento em que o significado de alguns desses seres se modifica ou deixa de existir, ela os deixa ir, numa metáfora de que tudo que somos ou de tudo que preservamos é resultado das escolhas que fazemos.

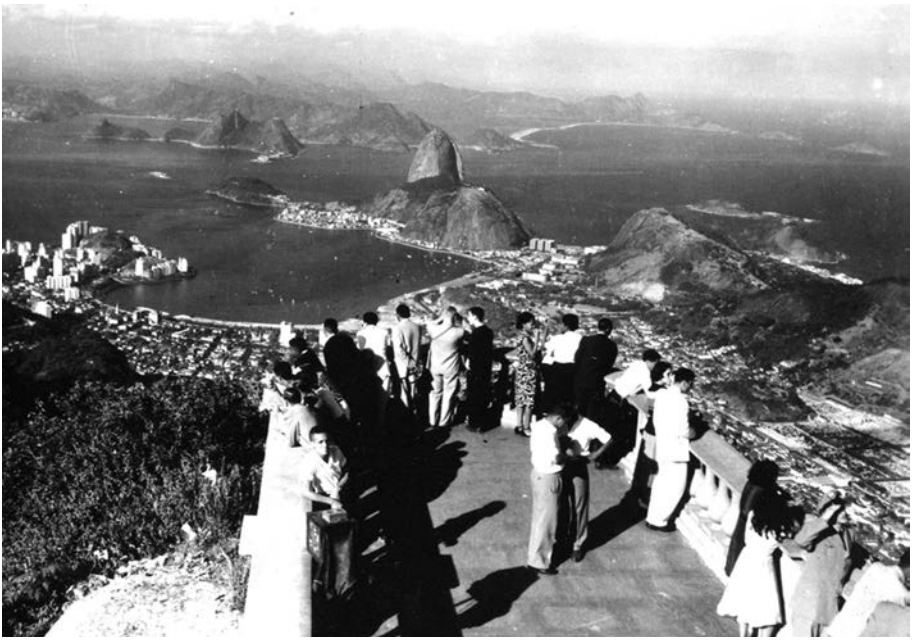
A ilustração de Marie Lousie Nery pontua com delicadeza o texto, sem lhe tirar o princípio fundamental de que cada um recria para si o seu modo de ver o mundo, e nos brinda com a imagem da deliciosa bolsa amarela que todos podemos ser.

Meus rios

Autora: Ângela Leite de Souza
Ilustrações: Ângela Leite de Souza
Editora: Formato
Ano: 2000

Meus Rios é composto por 13 poemas redigidos e ilustrados pela autora. Em todas as poesias são retratados lugares, paisagens e eventos que se sucedem na cidade do Rio de Janeiro, descritos a partir de uma perspectiva particular da autora, que passou a infância na cidade e que procura atualizar e apresentar suas memórias, experiências e impressões do Rio.

Surgem, nas páginas do livro, pontos conhecidos e consagrados do Rio de Janeiro, como suas praias, o Pão de Açúcar, o Maracanã, o Jardim Botânico, o Corcovado e o Cristo Redentor, o Forte de Copacabana; também aparecem os Arcos da Lapa, o Outeiro da Glória, o Monumento aos Pracinhas – os primeiros cantados em versos; os últimos, ilustrando os Rios da autora através de seus belíssimos bordados e colagens. A ilustração, assim, constitui não apenas um complemento dos poemas, mas narrativas independentes – nas palavras da própria Angela, “desenhar



Vista do Corcovado, Rio de Janeiro. Acervo particular

Rio capital

Vários Rios são possíveis: o Rio de D. João VI, sede do império luso-brasileiro, o Rio dos cronistas e viajantes, o Rio literário de Machado de Assis, da segunda metade do século XIX, o de Lima Barreto, do início do século XX; o Rio da Guanabara, durante o regime militar; o Rio das festas e do Carnaval. Todos esses epítetos revelam a importância histórica, arquitetônica, paisagística e cultural da cidade do Rio de Janeiro.

A região da Praça XV é considerada o principal centro histórico da cidade – primeiro porto do Rio de Janeiro e principal espaço econômico, político e cultural do Brasil desde sua fundação no século XVI. O tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico propriamente dito da Praça XV de Novembro, que ao longo do tempo guardou testemunhos de diversos períodos da história nacional, só ocorreu em 1990, por iniciativa do Iphan que considerou o seu valor como "documento" da nacionalidade.

é somente um outro jeito de inventar histórias". Desse modo, as ilustrações ampliam e detalham o panorama das paisagens cariocas que a autora quer apresentar e pelas quais convida os leitores a passearem.

Nesse passeio, estabelece-se a conexão entre os tempos passado e presente, demonstrando que a construção da memória é tanto individual como coletiva. A autora procura compartilhar com seus leitores as memórias de quando era criança, especialmente no poema "Sonho turístico", pontuadas por reminiscências da poetisa já adulta. É o caso do poema "Doce Rio", em que fantasia em torno do "açúcar" do Pão de Açúcar, falando de "doces", de "calda", "melado", "quindim", e mostrando os peixes da Baía da Guanabara, ilustrando-os como balas. No entanto, a percepção de "gente grande" também se faz presente, com referências do universo adulto por meio da menção a ícones da música e da pintura, aspectos da mitologia grega ou indígena. Dessa forma, as duas perspectivas, a infantil e a adulta, sugerem que o passado é uma construção do presente, um processo permanente de interpretação, reelaboração e criação da memória.

Ainda que o passeio para o qual a poetisa convida seus leitores em Meus Rios dê-se por uma

Largo do Paço, Rio de Janeiro (RJ). Arquivo Central do Iphan

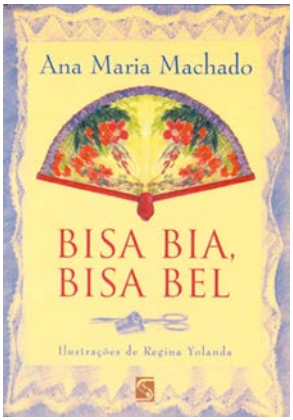
A CIDADE-SÍMBOLO DA NACIONALIDADE

Dois grandes símbolos brasileiros – o Cristo Redentor e o samba carioca – estão com os respectivos pedidos de tombamento e Registro no Iphan. O Cristo Redentor fica no penhasco do Corcovado, na cidade do Rio de Janeiro, paisagem natural tombada desde 1973. Desde 1931, quando foi inaugurada, a estátua domina a paisagem carioca e é o maior símbolo da cidade. O pedido de Registro do samba carioca como patrimônio imaterial foi feito pelo Centro Cultural Cartola e está em fase de avaliação.

cidade cujas qualidades já tão cantadas e cujo próprio epíteto – "maravilhosa" – induzam a uma descrição poética, o próprio movimento de perambular por seus lugares favoritos insinua uma aproximação com as preferências, gostos e experiências dos leitores, sugerindo que qualquer cidade pode ser descrita em versos.

Para Angela, um poema o é com ou sem rima; poesia é canção, melodia, sobre aquilo que se admira e sobre o que se deseja cantar. Ao leitor, portanto, bastaria escolher o mote, o lugar, o gosto, a lembrança e lançar-se à aventura de poetar.

As ilustrações, além de lembrar as atividades e habilidades do público infanto-juvenil, tão habituado aos trabalhos artesanais e artísticos na escola, reforçam o sentido da memória como uma construção, pois revelam o seu próprio processo de confecção – a colagem é visível, metaforizando que por meio da memória somos capazes de selecionar, reunir e dar sentido a fragmentos da nossa existência.



Bisa Bia, bisa Bel

Autora: Ana Maria Machado
Ilustrações: Regina Yolanda
Editora: Salamandra
Ano: 2000

O texto tematiza a questão da memória individual, por meio do intercâmbio entre os diferentes estágios de vida – uma experiência comum a todo ser humano no processo de construção da sua própria identidade.

Conta a história de uma menina que, vivendo o seu dia a dia de filha, aluna, vizinha e quase namorada, descobre que a vida de agora necessariamente possui uma herança e um futuro que lhes dão sentido. A complexidade do tema – somos o que já fomos ou herdamos e o que acreditamos virmos a ser – pode parecer impossível de se imaginar num texto infantil; entretanto, a autora consegue transmitir a profundidade dessa experiência com a mesma naturalidade com que todos nós, mortais, a vivemos dia após dia.

Através de um retrato antigo nos guardados de sua mãe, a menina vem a conhecer sua bisavó, retratada como ela, ainda menina. A partir desse contato com um objeto de um tempo passado,

A fotografia como registro

Fotografias, retratos, álbuns de família. Todo esse precioso acervo guardado nas estantes e gavetas de nossas casas constitui um importante instrumento de preservação cultural. As representações visuais sempre foram aliadas das ações de preservação, desde o daguerreótipo – precursor da fotografia e contemporâneo das primeiras leis relativas à preservação cultural, surgidas na França do século XIX –, até as modernas fotografias digitais. Mudaram os meios técnicos, porém conservou-se a sua utilização como suporte material de memória. Em um mundo cada vez mais dominado pelas tecnologias visuais, os acervos fotográficos fazem parte de qualquer inventário ou registro que se pretenda realizar das manifestações culturais.

A fotografia: um objeto de preservação

Entre dezembro de 2005 e maio de 2007, desenvolveu-se a pesquisa Arquivo Central do Iphan – Negativos históricos: higienização, acondicionamento, duplicação e acesso, tendo como objetivo principal a preservação de 26.355 imagens históricas, integrantes do acervo fotográfico do Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Rio de Janeiro. São cerca de 200.000 imagens – fotografias, negativos em vidro, acetato e nitrato, slides – que retratam a atividade da Instituição nos últimos 65 anos, e que registram a atuação do Instituto na identificação, fiscalização, inventário e preservação de bens culturais em todo o território nacional, sendo considerado uma das mais importantes referências sobre a atividade de preservação no Brasil.

Retrato de menina, década de 1920. Acervo particular

desencadeia-se a mágica – não a que pertence ao domínio do impossível, mas aquela que está à disposição de todos – que nos transporta para frente e para trás no tempo, aguçando o nosso sentimento de conexão com o mundo, nos deliciando com o estímulo à lembrança de nossos avós e bisavós e aos sonhos do que ainda queremos ser no futuro.

Por meio desse diálogo entre os tempos, a menina ganha força e maturidade para compreender e viver o seu tempo presente.

Essa edição traz ainda o trabalho delicado e sensível de Regina Yolanda que, com suas ilustrações em grafite, intercala e ao mesmo tempo estabelece o diálogo entre os objetos antigos – inanimados, mas presentes até hoje como testemunho de outro tempo – com cenas do cotidiano da menina em que ela está sempre em movimento, metaforizando o curso da vida. Desse modo, as ilustrações se associam ao texto ao demonstrar que as ações da menina presentificam o passado, através dos objetos que o corporificam, ou seja, como signos que são, conferindo ao texto uma atmosfera propícia para conectarmos as nossas lembranças aos nossos sonhos.

Além disso, o projeto gráfico, com vinhetas de remate e ornamentos emoldurando o topo de cada página, lembra o cuidado e acabamento das coisas antigas, quase numa referência de que o próprio livro já vem de longe, é para toda a vida e para todos. Este é um dos textos mais premiados, viajados (já foi traduzido em diversos países) e, principalmente, mais queridos pelo público infantil e adulto.

Nas ruas do Brás

Autor: Drauzio Varella
Ilustrações: Maria Eugênia
Capa: Silvia Massaro
Editora: Companhia das Letrinhas
Ano: 2000

A obra narra as memórias do autor quando menino, que nasceu e cresceu no bairro do Brás, neto de imigrantes espanhóis e portugueses. No início do século passado, com o fim da escravidão, a expansão da economia cafeeira e a implantação de um parque industrial em São Paulo, muitos europeus imigraram para o Brasil, fugindo da guerra, em busca de novas oportunidades. Foi junto dessa leva de camponeses europeus que os avós do personagem central de Nas Ruas do Brás chegaram ao Brasil e se instalaram na zona leste da capital paulista.

A história reconstrói uma São Paulo na qual a diversidade cultural experimentada pelo contato entre brasileiros, espanhóis, portugueses e italianos marca a luta diária pela sobrevivência. Com um vocabulário fiel ao modo infantil de ver as coisas, a narrativa concatena as lembranças do menino pelas ruas dos Brás ao complexo contexto social, político e econômico que marcou o

Augusto Schmidt, [1922]. Escola pública em Bela Aliança (SC). Arquivo Nacional

Imigrantes

Os imigrantes europeus, presentes desde o final do século XIX, deixaram fortes marcas de sua passagem no território brasileiro. Por meio de seus descendentes, essas marcas se transformaram em um legado que enriquece a diversidade cultural brasileira. Somente nas últimas décadas, porém, os descendentes de imigrantes passaram a ser reconhecidos e legitimados como sujeitos de direito, particularmente no âmbito das ações de patrimônio.

As rotas dos imigrantes europeus têm sido objeto de pesquisas e inventários dentro do Iphan, que buscam resgatar suas tradições, saberes e práticas culturais diversas. O projeto Roteiros Nacionais de Imigração, por exemplo, tem contribuído para o conhecimento e a restauração do patrimônio desses descendentes no estado de Santa Catarina, através de um amplo levantamento fotográfico, além de pesquisas, seminários e obras de restauro.

mundo na primeira metade do século XX. Entre o futebol, os balões e as brincadeiras nas ruas de paralelepípedos do Brás, esboçam-se os contornos de uma Europa pós-guerra, do surgimento do operariado paulista, da devastação causada pela gripe espanhola.

Os costumes, o trabalho, a convivência dos adultos e deles com as crianças, descritos por meio de situações vividas pelo protagonista, conseguem transmitir, por um lado, os fortes sentimentos que envolvem a opção dos imigrantes por viverem em uma terra estrangeira – sua escolha, luta, gratidão, saudade, a herança herdada de outras culturas – e, por outro, o encanto de um tempo passado em que o ritmo de vida, os espaços, a comida, os modos de se relacionar, conferem à faculdade da memória o papel de informar que o presente é resultado das escolhas que fizemos.

Ter bairros e cidades como panos de fundo em seus textos literários é prática comum entre escritores. Com Nas Ruas do Brás, mesmo sem nunca ter passado pelo bairro que recebeu em suas ruas e hospedarias imigrantes que chegavam ao Brasil, é possível experimentar pelos olhos de uma criança a materialização de parte da diversidade que constitui a cultura brasileira.

O projeto gráfico propõe um duplo movimen-

Línguas faladas no Brasil

Em 2006, realizou-se no Congresso Nacional o "Seminário sobre a criação do Livro das Línguas", no qual se debateu a questão do reconhecimento das várias línguas faladas no Brasil, não por povos estrangeiros, mas por cinco gerações de brasileiros bilíngües que ajudaram a formar o país, descendentes dos povos que já viviam aqui e dos que imigraram para cá. A criação dessa categoria dentro do Registro do Patrimônio Imaterial, organizado pelo Iphan, abre caminho para que sejam contempladas formas de expressão distintas da língua oficial – o português.

to: através das fotografias de época em preto e branco, entramos em contato com a realidade do protagonista e de seu universo, que remetem a esse tempo passado, e por meio das ilustrações coloridas de Maria Eugênia é possível ao leitor aproximar-se de algumas das situações mais pitorescas da narrativa. É uma história que diverte e comove, mas que, principalmente, fala da presença dos imigrantes e do quanto da sua força está presente em todos os brasileiros que procuram vencer as adversidades em busca de um mundo melhor para viver.

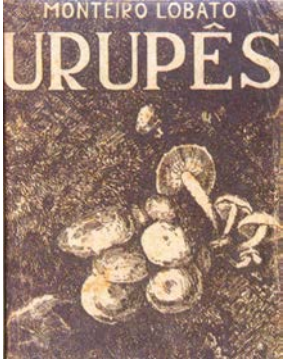
Memórias da Emília

Autora: Monteiro Lobato
Ilustrações: Manoel Victor Filho
Editora: Brasiliense
Ano: 1994

Este texto, no conjunto da obra de Monteiro Lobato, tem especial relação com o tema do patrimônio, porque de modo muito peculiar fala da memória como uma construção, no sentido de que o ato de esquecer e o de lembrar fazem parte de uma mesma operação, ou seja, a de escolher o queremos ser.

Narra a iniciativa da Emília, personagem central desse episódio, em escrever suas memórias. A personagem, conhecida por sua irreverência e independência em relação aos cânones do bom comportamento – hoje talvez traduzido pela expressão "politicamente correto" – resolve, como todo memorialista, ter o que dizer para a posteridade – uma atitude, no mínimo, afirmativa de que exista alguma verdade sobre as coisas.

O texto expressa com grande irreverência os mecanismos, um tanto arbitrários, de construção do que denominamos memória, e, em última instância, passado. E o faz com grande maestria,



Monteiro Lobato escritor

Monteiro Lobato publicou 17 livros de literatura infantil e 13 de romances, contos e teses. Usou a moral e a pedagogia de suas histórias para criticar o comportamento das pessoas e do Estado. Lobato resolveu escrever para crianças, por declarar-se desiludido com os adultos (seus romances surgiram a partir de 1918, com Urupês, no qual criou o famoso personagem Jeca Tatu).

Monteiro Lobato inspirou-se em sua própria vida para criar alguns personagens e histórias, desde sua infância em Taubaté (SP), onde nasceu em 1882.

Monteiro Lobato editor inovador

Em 1918, Monteiro Lobato comprou a Revista do Brasil e passou a dar espaço para novos talentos, ao lado de pessoas famosas. Fundou depois a primeira editora de livros do Brasil: a Companhia Editora Nacional. Os "produtos" dessa nova editora abrangiam de tudo um pouco, inclusive traduções de Hans Staden e Jean de Léry. Além disso, os livros continuaram com o "selo de qualidade" de Monteiro Lobato, tendo projetos gráficos muito bons e com enorme sucesso de público.

Lobato também foi precursor de algumas idéias muito interessantes no campo editorial. Ele dizia que "livro é sobremesa: tem que ser posto debaixo do nariz do freguês". Com isso em mente, ele pas-

pois relaciona essa construção com a discussão em si do que é ou não real.

Para isso, logo anuncia a versão que Emília tem do que seja a verdade: "uma mentira bem pregada, daquelas que ninguém desconfia" e, para tornar essa afirmação ainda mais contundente, diz o personagem a propósito da morte – talvez a única certeza que temos na vida – "depois dela tudo vira hipótese".

Com essa introdução, o autor parece querer demonstrar a relatividade do conhecimento e o quanto do que costumamos julgar como real é fictício. Assim, para Emília, a única diferença entre ela ou o Visconde de Sabugosa escrever suas memórias é a de que, se for ele a escrevê-las, poderá ela dispor de tempo livre para brincar.

O autor brinca com o momento em que um escritor começa a escrever uma história, mostrando o impasse da Emília em escolher o que contar – ela sugere ao Visconde seis pontos de interrogação. Sobre o compromisso com a realidade, a boneca debocha dos possíveis historiadores do futuro, "gente muito mexeriqueira", não revelando dados aparentemente objetivos como a data e o local do seu "nascimento" – o que é real e o que não é?

Visconde, então, é obrigado pela boneca a escrever as memórias dela, cujo relato tem início com a vinda de um anjo ao sítio. O interessante na escolha desse episódio é que ele trata justamente da "versão que Emília tem da realidade" ao ter que explicar a um ser de outro mundo de que é feito o nosso. Reforça-se, assim, a idéia de que não só a memória é uma "construção", mas também o presente em que vivemos e, ainda, que os homens compreendem a realidade como o resultado de uma operação decodificadora entre signos e significados, só possível pelo advento da língua.

Esse exercício de pensar que a ficção faz parte do real e que isso não é uma limitação, mas um

sou a tratar os livros como produtos de consumo, com capas coloridas e atraentes e uma produção gráfica impecável. Ele também criou uma política de distribuição que era novidade na época: vendedores autônomos e distribuidores espalhados por todo o país.

Monteiro Lobato nacionalista

Em São Paulo, na década de 1930, fundou o Sindicato do Ferro e a Companhia de Petróleo do Brasil, para desespero do governo e das multinacionais, antecipando em 20 anos a luta pela nacionalização do petróleo e da indústria siderúrgica.

Como conseqüência de sua luta nacionalista, foi preso por seis meses em 1941, depois de condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional do Estado Novo de Getúlio Vargas. Mais tarde, chegou a se auto-exilar na Argentina. Voltou ao Brasil, abandonou a editora e passou a colaborar com jornais até sua morte, em 1948.

poder, é feito de forma tão lúdica e divertida que permite misturar personagens humanos e fictícios – como aliás o Sítio do Pica-pau Amarelo faz o tempo todo, mas que nessa história ganha todo o sentido – demonstrando que tudo é possível, até a Emília incluir em suas memórias uma ida a Hollywood que "nunca aconteceu". Mas a essa altura o que realmente aconteceu?

Nessa aventura há um grande elogio à condição normalmente atribuída às crianças de detentoras de grande capacidade imaginativa – as crianças trafegam livremente entre o imaginário e o dito mundo real, não fazendo grande distinção entre eles. Não é difícil supormos que os adultos mais espertos são os que, apesar da maturidade (como é o caso do autor), conservam essa capacidade.

Índice de autores e ilustradores

Ana Maria Machado
Autora reconhecida nacional e internacionalmente, tanto pela qualidade quanto pela extensão da sua obra, que reúne mais de 100 títulos publicados. Ganhou muitos prêmios e condecorações, entre os mais recentes, o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil, em 2000. Recebeu, ainda, o prêmio Machado de Assis e a Ordem do Mérito Cultural, da Presidência da República, em 2001, tendo sido eleita, em 2003, para ocupar a vaga nº1 da Academia Brasileira de Letras.

Ângela Leite de Souza
Nascida em Belo Horizonte, mudou-se para o Rio de Janeiro aos 8 anos de idade, onde mais tarde estudaria jornalismo na PUC. Já publicou cerca de 30 livros infantis e juvenis, entre os quais Três gotas de poesia, pela Editora Moderna, que recebeu a láurea (ou o selo) de "Altamente recomendável" da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e Meus Rios, que conquistou o 2º lugar no Prêmio Carioquinha, conferido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Desde 1990 também se dedica à ilustração. O maior prêmio de sua carreira é o "Casa de las Américas", do governo de Cuba, pelo livro de poemas para adultos Estas muitas minas.

Daniel Munduruku
Nascido em Belém, Pará, filho do povo indígena Munduruku, é professor formado em Filosofia e estudioso de diversas áreas do conhecimento como Antropologia, História e Psicologia. Ajudou a criar o Imbrapi (Instituto Indígena Brasileiro de Propriedade Intelectual) e atua como contador de histórias. Autor de Histórias de índio, Coisas de índio e As serpentes que roubaram a noite, os dois últimos premiados com a láurea (ou o selo) de livro Altamente Recomendável pela FNLIJ. Entre outras atividades, participa ativamente de palestras e seminários destacando o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira.

Denise Nascimento
Nascida no ano de 1969, em Belo Vale, interior de Minas Gerais, a designer gráfica, graduou-se em 1992 pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Desde 1998, atua também como ilustradora de livros para crianças e adolescentes. Ilustrou, entre outras obras, A Pedra com o menino, de Ronaldo Simões Coelho, recentemente selecionada para o catálogo da FNLIJ para a feira de Bolonha. Histórias trazidas por um cavalo-marinho, de Edimilson de Almeida Pereira e

Ulomma – a casa de beleza e outros contos, de Sunny, e Contos de Mirábile, de Édimo de Almeida Pereira.

Drauzio Varella

Médico cancerologista, formado pela USP, nasceu em São Paulo em 1943. Sua versatilidade fez com que investisse em outros caminhos que não os da medicina. Já experimentou a televisão e passou pelo cinema, sem deixar de lado a literatura. Além de escrever Aids hoje, Estação Carandiru e Por um fio, Drauzio Varella também voltou sua atenção para a literatura infantil. Nas Ruas do Brás é o primeiro livro escrito por ele para o público infanto-juvenil.

Graça Lima

Carioca, formada em Comunicação Visual pela Escola de Belas Artes da UFRJ, fez Mestrado em Design na PUC-RJ. Recebeu vários prêmios, entre eles os da FNLIJ Prêmio Luis Jardim, Prêmio Malba Tahan, Prêmio O melhor para o Jovem, e o Prêmio Jabuti na categoria de ilustração. Atualmente é professora de Metodologia Visual na Escola de Belas Artes da UFRJ. Ilustrou, entre outras obras, Chico Rei, de seu irmão Renato Lima, Menina transparente, de Elisa Lucinda e Filho de Artista, de Flávio de Souza.

Lygia Bojunga Nunes

Nascida em Pelotas em 1932, é considerada um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil. Iniciou a sua vida profissional como atriz, dedicou-se ao rádio e ao teatro, até voltar suas atenções para a literatura. Com o livro Os colegas (1972), ilustrado por Gian Calvi, conquistou o primeiro lugar no Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1971. É autora também de Angélica (1975), A casa da madrinha (1978), A bolsa amarela (1981), Fazendo Ana paz (1992), Seis vezes Lucas (1996) e Retratos de Carolina (2001). Em 1982 recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil. Fundou em 2002 a sua própria editora: a Casa Lygia Bojunga, responsável unicamente por editar seus livros.

Maria Eugênia

Colaboradora da Folha de São Paulo, para a qual ilustrou colunas de Nino Horta e Danuza Leão, é ilustradora de mais de 50 livros para crianças e adultos. Participou também de feiras e eventos no Brasil e no exterior, obtendo reconhecimento internacional. Com Nas Ruas do Brás recebeu, em 2001, o “Bologna Ragazzi Award”.

Maria José Silveira

Nascida em Jaraguá, Goiás, é formada em Comunicação pela Universidade de Brasília, em Antropologia pela Universidade de San Marcos, em Lima, Peru, e tem Mestrado em Ciências Políticas pela USP. A autora começou a escrever para crianças na revista do Sítio do Pica-pau Amarelo. Tem atualmente dois livros publicados nesta área, além de três romances para adultos. Fundou, em 1980, a editora Marco Zero, da qual foi diretora até 1998.

Marie Louise Nery

Nascida em 1924, em Berna, Suíça, a artista plástica, figurinista e professora universitária veio para o Brasil em 1957, e tornou-se conhecida por inovar a arte cênica brasileira, junto com seu marido, o cenógrafo e aderecista pernambucano Dirceu Nery. Entre 1959 e 1996, criou cenários, figurinos e adereços para teatro, cinema, televisão e escolas de samba. De sua produção constam peças infantis de Maria Clara Machado, espetáculos de teatro, ópera e balé, com os quais conquistou os Prêmios Saci (1962) e Molière (1964). Realizou figurinos para filmes no cinema e produziu bonecos para o programa Sítio do Pica-Pau Amarelo (1977-1986), co-produção da TV Educativa e da TV Globo. Ilustrou livros infantis de autores como Maria Clara Machado, Vinicius de Moraes, Lygia Bojunga Nunes, Manuel Bandeira e Cecília Meireles.

Marilda Castanha

Nascida em Belo Horizonte, formou-se em Belas-Artes e começou a ilustrar livros infantis no final dos anos 1980. Participou de exposições e ganhou alguns prêmios como o Jabuti de Melhor Ilustração, o Prix Graphique Octogone na França e o prêmio Noma no Japão (com o livro Pindorama: terra das palmeiras). Também é autora de livros infanto-juvenis.

Monteiro Lobato

Nascido na cidade de Taubaté em 1882, notabilizou-se como o fundador da literatura infanto-juvenil brasileira, criando um autêntico universo literário com a sua série sobre “O Sítio do Pica-pau Amarelo” que inclui, entre outros livros, Reinações de Narizinho, Memórias de Emília e O Minotauro. Publicou também romances e contos que o tornaram reconhecido nacionalmente, como Urupês.

Nelson Cruz
Mineiro de Belo Horizonte, é ilustrador e artista plástico. Na Feira de Ilustradores da Bolonha (Itália), o livro Conto de escola, por ele ilustrado, foi exposto no estande da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil. A mesma instituição ofereceu ao autor, em 2003, o prêmio de Melhor Ilustração "Hors Concours". O livro foi reconhecido, ainda, como "Altamente Recomendável – Categoria Criança".

Regina Yolanda
Nascida no Rio de Janeiro em 1928, formada em Pedagogia e Didática, Mestre em Educação, atua como ilustradora e autora de livros infanto-juvenis desde 1967. Ilustrou livros de Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Teresinha Éboli, Paula Saldanha, entre outros. Foi premiada, nacional e internacionalmente, pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), pelo IBBY (International Board on Books for Young People), órgão da Unesco, com a "White Ravens", da Biblioteca de Munique, e com o Prêmio Jabuti pelas ilustrações de Bisa Bia bisa Bel, de Ana Maria Machado.

Renato Lima
Nascido em 1955, é bancário e sindicalista, formado em Filosofia pela UERJ, e mestrando em História pela UFF. Além de Chico Rei, lançou outro livro infantil, Fera, Vendinha e Gato Rabudo. Ambos foram ilustrados pela irmã do autor, Graça Lima.

Ricardo Azevedo
Ilustrador e pesquisador, além de escritor premiado – ganhador do Prêmio Jabuti –, o autor possui mais de 100 livros publicados, entre prosa e verso, principalmente na área da literatura infantil. Interessado pela cultura popular, tendo defendido dissertação de mestrado sobre as raízes dos contos populares, doutorou-se em Teoria Literária em 2005, pela USP. Seu primeiro livro, O peixe que podia cantar, é de 1980.

Ronaldo Simões Coelho
Nascido em São João Del Rei, Minas Gerais em 1932, formou-se em Medicina pela UFMG em 1959 e se especializou em Psiquiatria. Possui mais de 40 livros publicados de literatura infanto-juvenil, alguns deles recomendados pela Biblioteca Internacional da Juventude de Munique e publicados em países de língua espanhola. Sua obra tem representado o Brasil nas feiras de Bolonha, de Guadalajara, entre outras. Seu livro A Pedra com o menino recebou o selo de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Recebeu ainda o prêmio Octogone-Chêne, da França.

Índice de ilustrações

capa Rua Direita, Mariana (MG). Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro.
p. 5 Bumba-meu-boi. Figuras de pano e papelão provenientes do Maranhão. Foto de Marcel Gautherot, 1951. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Etnografia.
p. 7 Na porta de casa, Cachoeira (BA), 2005. Projeto Rotas da Alforria, Copedoc/ Iphan; Praça XV de Novembro, Rio de Janeiro. Aspecto posterior do Arco do Teles. Foto de Edgard Jacintho, 1948. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário.
p. 8 Figura em cerâmica, Pernambuco. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Etnografia; Terreiro da Casa Branca à Av. Vasco da Gama, Bairro do Engenho Velho. Salvador (BA), 1981. Processo de Tombamento, Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro; Paku Kã'Gwer.

Espinha de peixe Paku. Waivisi Wajãpi, 2000. Dossiê Iphan 2 {Wajãpi}, p. 37; Chafariz de São José, posteriormente conhecido como Chafariz dos Contos. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário.
p. 10 Passo à Rua Getúlio Vargas, Tiradentes (MG). Foto de Marcel Gautherot. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário; Passo da Ponte Seca, Ouro Preto (MG). Foto de Pedro Lobo, 1980. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário; Gravura de Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário.
p. 11 Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto (MG). Pintura no forro da nave de autoria de Manuel da Costa Ataíde. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário.
p. 12 Chafariz de São José, posteriormente conhecido como Chafariz dos Contos. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário.
p. 14 Ponte dos Contos, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário; Chafariz do Largo de Marília, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário.
p. 15 Chafariz do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário; Ponte do Rosário, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário.
p. 16 Nono encontro de Jongueiros, 2004. Foto de Francisco Moreira da Costa. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular / Iphan.
p. 18 Rua Conde de Bobadela, Ouro Preto (MG). Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Inventário.
p. 21 Série retratando a índia Carajá Didgokch fabricando boneca. Ilha do Bananal, Goiás. Fotos de Marcel Gautherot, 1953. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Etnografia.
p. 23 Yaulapivi. Festa do Javari, 1955. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro, Série Etnografia; Cachoeira de Iauaretê, Alto Rio Negro (AM). Departamento de Patrimônio Imaterial/ Iphan.
p. 25 Paku Kã'Gwer. Espinha de peixe Paku. Waivisi Wajãpi, 2000. Dossiê Iphan 2 {Wajãpi}, p. 37; Composição a partir do Repertório de padrões. Jamy Wajãpi, 2000. Dossiê Iphan 2 {Wajãpi}, p. 61; Detalhe de composição a partir do repertório de padrões Kusiwa. Seni Wajãpi, 2000. Dossiê Iphan 2 {Wajãpi}, p. 101; Detalhe de composição a partir do repertório de padrões Kusiwa. Pira Kã'gwer. Espinha de peixe. Waivisi Wajãpi, 1983. Dossiê Iphan 2 {Wajãpi}, p. 33.
p. 26 Na porta de casa, Cachoeira (BA), 2005. Projeto Rotas da Alforria, Copedoc/ Iphan.
p. 28 Esmola cantada. Cachoeira (BA). Projeto Rotas da Alforria, Copedoc/ Iphan.
p. 31 Figuras em barro. Alto Moura, Caruaru (PE). Foto de Francisco Moreira da Costa, 2004. Acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular / Iphan.
p. 32 Praia de Copacabana do Posto 3 até o Leme, Rio de Janeiro. Tradimex do Brasil, década de 1950. Acervo particular.
p. 34 Vista do Corcovado, Rio de Janeiro. Foto postal, Colombo, São Paulo. Acervo particular.
p. 35 Largo do Paço, Rio de Janeiro. Desenho de Johann Jacob Steinmann, gravado por Friedrich Salathé, cerca de 1836. Arquivo Central do Iphan – Seção Rio de Janeiro.
p. 36 Retrato de menina. Salvador (BA). Foto de Pedro Gonsalves da Silva, [18--]. Arquivo Nacional, RJ.
p. 38 Retrato de menina. Cartão postal italiano, década 1920. Acervo particular.
p. 40 Escola pública masculina na Freguesia Bela Aliança (SC). Foto de Augusto Schmidt, [1922]. Arquivo Nacional, RJ.
p. 42 Ilustração de Benedito Bastos Barreto para Memórias da Emília. Museu Monteiro Lobato. In: AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGOS, Marcia, SACCHETTA, Vladimir. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia, 1997, p. 318.
p. 43 Capa de *A Negrinha*, 1923. Museu Monteiro Lobato. In: AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGOS, Marcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, Fundação Banco do Brasil, Odebrecht, 1997, p. 133; Capa de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Museu Monteiro Lobato. In: AZEVEDO, op. cit., p. 159; Capa de *A reforma da natureza*, 1944. Museu Monteiro Lobato. In: AZEVEDO, op. cit., p. 323; Capa de *Urupês*, 1918. Museu Monteiro Lobato. In: AZEVEDO, op. cit., p. 132.

IPHAN 70 ANOS

IPHAN

Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL